

POPULISMO: O QUE É E COMO OPERA

Wladimir Brito

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.151.22>

*A Spectre is haunting the world – populism.
Ghita Ionescu and Ernest Gellner (in Populism: its
meanings and national characteristics)*

1. No início era a demagogia – *δημαγωγία*. Agora é a populismo, que alguns entendem ser a versão latina de demagogia. Contudo, demagogia e populismo, embora tenham características comuns, revelam muitas *differentiae specificaе*, que devem ser tidos em conta para que se torne possível distinguir populismo de demagogia.

Importa começar por fazer uma observação, sobre o se diz na imprensa, nos meios políticos e do *stablishment* e nos cafés – ah! a importância dos cafés no desenvolvimento político-cultural europeu – dizendo que assenta numa errada análise e compreensão do fenómeno populismo, quer sob o ponto de vista das suas origens, quer sob o da sua temporalidade, quer ainda sob o do seu auditório e da natureza sócio-ideológica deste. Para muitos o populismo é um fenómeno recente provocado pelas crises económicas e económico-financeira e, mais recentemente, pelo neo-liberalismo, pelo choque das migrações, promovido por actores imaturos portadores de uma retórica que manipula e explora a emoção das massas, fenómeno passageiro que tem

um auditório limitado às classes mais desfavorecidas e a uma elite reaccionária e que revela uma reacção de protesto desses grupos sociais contra o *statu quo* e o *stablishment* político-económico e financeiro dominante. Nada mais errado. Esta esperança daqueles que julgam poder contar com a passagem do tempo para que desapareça o populismo é uma ideia que confortam o *stablishment*, mas que não é mais do que um willfull thinking. Roger Eatwell e Matthew Goodwin defendem uma posição muito próxima da nossa quando dizem que “[E]stas ideias reconfortantes para as pessoas que se agarram à convicção de que a normalidade não tarda a ser reposta, assim que o crescimento económico volte e o fluxo de refugiados diminua ou pare de vez – só que essas noções estão erradas”¹.

Na verdade, como iremos ver, no início era a demagogia na acepção que os gregos dela tinham. Presente e operante na sociedade europeia (e não só) a demagogia era naturalmente aceite e praticada na Grécia como natural manifestação retórica da luta política orientada para a persuasão das massas. Acontece que desde que Platão e Aristóteles passaram a considerar o demagogo – *δημαγωγός* – como um político adulator e perverso e a demagogia como acção retórico-política do demagogo perigosa para os regimes políticos, podemos dizer foram criados os primeiros embriões do populismo na Europa.

2. Na antiga Grécia, na verdade, a demagogia era representada como uma prática política desenvolvida por demagogos em todos os regimes políticos então existentes com vista à promover a acção do povo contra o regime instituído ou contra determinada situação política com vista a persuadir as massas para as levar agir no sentido de alterar o regime, entregando o poder a novos actores. Por regra, como explicam os filósofos da antiga Grécia, a demagogia e o demagogo pervertiam a democracia e conduziam à tirania. O demagogo era visto como aquele que, para assumir o poder, excitava as paixões populares, manipulava as emoções do povo, denegrindo ou exaltando factos existentes que tinham ocorrido ou estavam a ocorrer, ampliando ou diminuindo os seus efeitos, numa palavra, adulando factos ou situações com

¹ Roger Eatwell e Matthew Goodwin, *Populismo. A Revolta contra a Democracia Liberal* (Lisboa: Desassossego, 2019), p. 13.

vista a provocar acção popular conforme a sua vontade, adulação que Sócrates no diálogo com Cálicles, no *Górgias*, considerava “uma coisa vergonhosa”².

Como explica Milícias Lopes, “Originariamente o termo não tinha conotação negativa e era aplicado à actuação de legisladores, políticos e oradores como Sólon e Demóstenes, cuja eloquência empolgava e arrastava o povo ateniense, concitando a adesão popular aos seus projectos políticos”. Mais tarde, a demagogia e os demagogos começam a ser negativamente referidos, quer por se entender que abusavam da retórica para adular e persuadir o povo, com oferta de prazer e ocultação das dificuldades e das coisas más. Corrompiam o povo. Como diria Sócrates, no acima referido diálogo, os adutores ou demagogos “(...). Não têm o mínimo interesse em procurar o que seja o melhor, mas, sempre por intermédio do prazer, perseguem e ludibria os insensatos que convence do seu altíssimo valor”³. Mas, esta dimensão negativa da demagogia e do demagogo, é inaugurado por Platão, quer na *A República*⁴, quer no *Górgias*, com a sua crítica à democracia ateniense com a qual não concordava. De certo modo, Platão entendia que a demagogia e o demagogo, com a sua retórica, “corrompiam” o povo, tornando-o ocioso, viciado no prazer, tagarelas, ávidos de dinheiro e até mesmo cobarde, como pode ver-se em *Górgias*⁵. Esta é também a opinião de Aristóteles.

Na verdade, o estagirita trata esta questão nas suas obras, *Política* e *Constituição dos Atenienses*, assumindo que a demagogia e o demagogo são manifestações próprias de adulação e ambos operam no quadro da democracia, corrompendo-a. Na opinião de Aristóteles “Existe também uma outra espécie de democracia com que todas estas características se mantêm, salvo num aspecto: a supremacia é do povo e não da lei. E isto sucede sempre que a decisão suprema decorre dos decretos e não da lei. Esta situação surge devido à influência dos demagogos; não ocorre nas cidades governadas

² Platão, *Górgias*, 6. ed (Lisboa: Edições 70, 2006), p. 169.

³ Platão, *Górgias*, 6. ed (Lisboa: Edições 70, 2006), p. 61.

⁴ Nomeadamente, na *A República* nos Livros IV, §426 a a d); Livro VIII, § 565b, 565c, 566d, 569c; acima citados. Platão, *A República* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976). E, ainda, no de *Górgias*, § 515.

⁵ O que, de certo modo, está patente no diálogo de Sócrates com Cálicles quando aquele pergunta a este a sua opinião sobre Péricles dizendo: “Diz-me agora mais uma coisa: a opinião geral é que Péricles melhorou os Atenienses ou que, pelo contrário, os corrompeu? É que eu tenho ouvido dizer que Péricles tornou os Atenienses preguiçosos, cobardes, tagarelas e ávidos de dinheiro ao estabelecer pela primeira vez uma remuneração para alguns serviços oficiais” e ao longo de todos este diálogo. Cfr. Platão, *Górgias*, sec. 515 e, p. 194.

democraticamente segundo a lei, nas quais os melhores cidadãos detêm um efectivo destaque. Pelo contrário, os demagogos surgem nas cidades em que a lei não é suprema⁶. Mais à frente, acrescenta que “Um povo tomado nessa acepção, isto é, tomado como monarca, procura governar sozinho não se submetendo à lei. Além do mais, torna-se de tal modo despótico, que honra os adutores.

Ora uma democracia como esta acaba por corresponder àquilo que a tirania é em relação às monarquias. É também em virtude desta equidistância que é idêntica a índole destas duas formas de regime: ambas são despóticas em relação aos cidadãos mais excelentes; os decretos emanados de uma equivalem aos éditos impostos pela outra; o demagogo e o adutor acabam por corresponder à mesma realidade pois ambos detêm, de facto, uma grande influência junto dos regimes respectivos: os adutores junto dos tiranos, e os demagogos junto das massas populares desta condição. É por causa dos demagogos que a autoridade suprema pertence aos decretos e não às leis, pois submetem todas as questões ao povo. A sua importância advém de o povo dominar em todas as situações, e de eles próprios, por seu turno, dominarem a opinião popular, sabendo de antemão como a multidão lhes obedece. Além do mais, aqueles que têm razões de queixa contra os magistrados aduzem que é ao povo que compete decidir. Ora, é precisamente esta prerrogativa, assumida de bom grado pela massa popular, que implica a dissolução de todas as magistraturas⁷.

Se nos lembrarmos que Sócrates nos seus diálogos transcritos por Platão considera que os demagogos são adutores, fácil é ver que, para Aristóteles, um discípulo de Platão, o demagogo e o adutor são uma mesma entidade, embora, na opinião do estagirita, sob o ponto de vista operacional, um opera sobre o regime e outro sobre o povo.

Aristóteles explica ainda que “As democracias alteram-se com muita facilidade em virtude da intervenção facciosa dos demagogos”⁸. No decurso da narração da luta entre Iságoras e Clístenes, depois da queda do tirano e demagogo Pisístratos, e de outras lutas pelo poder, nomeadamente entre

⁶ Aristóteles, *Política* (Lisboa: Vega, 2019), liv. IV, Sec. 1292a, §15, p. 291.

⁷ Aristóteles, *Política* (Lisboa: Vega, 2019), liv. IV, Sec. 1292a §§20 a 25, pp. 291 e 292.

⁸ Aristóteles, *Política* (Lisboa: Vega, 2019), liv. V, Sec. 1304b, § 20, p. 360.

os Areopagistas, Efiltes e Temístocles, Aristóteles acusa os demagogos de contribuírem para o “afrouxamento da constituição”⁹.

Pensamos ser correcto afirmar que Aristóteles tratou mais pormenorizadamente do que Platão a questão da demagogia e dos demagogos, em especial na Política e na Retórica¹⁰. De facto, no Livro V da Política diz que a demagogia tem duas formas, sendo uma exercida no contexto da oligarquia e a outra exercida pelos próprios oligarcas, formas de exercício que ele exemplifica nesse Livro V¹¹. Defende também que por acção dos demagogos a democracia foi erradicada em certos territórios da Grécia, como por exemplo na Heracleia, em Mégara e Cumas¹².

Também Tucídides informa-nos sobre o papel dos demagogos na Guerra do Peloponeso, transcrevendo vários discursos consubstanciadores da retórica demagógica por eles utilizado. Assim acontece com dois discursos de Péricles – o famoso panegírico proferido em homenagem aos primeiros cidadãos que morreram nessa guerra¹³ e o por ele feito para acalmar a raiva dos atenienses contra si, após a segunda invasão do Peloponeso em virtude dos danos que sofreram¹⁴ –, o discurso Atenágoras, “líder da facção popular e homem muito influente, à época junto das massas”¹⁵ e o debate entre Cléon e Diódoto sobre o caso dos Mitileneus¹⁶.

3. Podemos assim dizer que inicialmente a demagogia e o demagogo não eram considerados pelos clássicos gregos como algo de negativo, mas sim como forma de agir politicamente através, entre outros meios, da retórica, e de exercer o poder, quer como políticos quer como legisladores. Dessa acção resultava a transformação da democracia em tirania, como pode ver-se em Aristóteles que critica a demagogia e o demagogo por entender que subvertiam

⁹ Aristóteles, *Constituição dos Atenienses*, trad. Delfim Ferreira Leão, 3ª ed (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2011), § 26, p. 62. Veja-se ainda §20.

¹⁰ Pode ver-se nos Livros I e II desta obra de Aristóteles.

¹¹ Aristóteles, *Política*, (Lisboa: Vega, 2019), liv. V, Sec. 1305, §23 a 30, p. 375.

¹² Aristóteles, *Política*, (Lisboa: Vega, 2019), liv. V, Sec. 4, §§ 1304b, 30 a 35, p. 371.

¹³ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* (Lisboa: Edições Silabo, 2008), liv. II, Cap. V, §§35 a 46, pp. 187 a 195.

¹⁴ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* (Lisboa: Edições Silabo, 2008), liv. II, Cap. VII, § 60 a65, pp. 205 a 209.

¹⁵ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* (Lisboa: Edições Silabo, 2008), liv. VI, Cap. XIX, §36 a 41, pp. 526 a 530.

¹⁶ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso* (Lisboa: Edições Silabo, 2008), liv. III, Cap. IX, § 37 a 48, pp. 265 a 274.

a democracia e promoviam, com a sua conduta perversa, a tirania – as democracias alteram-se com muita facilidade em virtude da intervenção facciosa dos demagogos”¹⁷ escreve o estagirita.

Demagogia e demagogo passam a ser entendidos num sentido pejorativo. O demagogo, agora, passa a ser representado como a um adulator perverso que habilmente através de uma retórica em que promove prazer, facilidades e ociosidades, persuade o povo a aceitar os seus objectivos políticos e a lutar pela realização desses objectivos¹⁸. Este sentido negativo de demagogo e de demagogia, a partir do século XIX, vai passar a ser usado politicamente, e a assumido como representação dominante do demagogo e da demagogia.

Importa, contudo, referir que na antiga Grécia o demagogo, por regra, não inventava factos; o que fazia era organizar uma retórica argumentativa sobre factos reais para provocar emoções no seio da multidão (*plethos*), adulando ou depreciando esses factos ou situações com vista a provocar a aceitação pelo povo (*demos*) dos objectivos políticos por si prosseguidos e a participação do povo no processo de realização desses objectivos. O demagogo agia sobre factos ou situações existentes, pela via da retórica política, pensada e organizada para persuadir (e não para manipular o seu auditório a reconhecer e a aceitar a utilidade e as vantagens das suas propostas e objectivos para a comunidade, para o *demos*. Como diria Aristóteles em Retórica, fazia do “verdadeiro falso e do falso verdadeiro”, agindo como um “artífice de persuasão”.

4. Feita esta introdução para lembrar o papel da retórica (do discurso) na acção política do demagogo com o objectivo de seduzir o povo para o incitar a agir num certo sentido, recorrendo a argumentos geradores de emoções primárias, e que a demagogia é um fenómeno inerente aos diversos regimes políticos, vejamos agora o populismo e o populista nessa mesma perspectiva até para decidirmos se esse fenómeno pode ser considerado como a doença senil da demagogia.

Começaremos por dizer que no século XIX o populismo emerge nos Estados Unidos da América e na Rússia czarista. Contudo, pondo de lado a

¹⁷ Aristóteles, *Política*, (Lisboa: Vega, 2019), liv. V, Cap. 5, § 1304b 20, p.ª 369

¹⁸ Para maior desenvolvimento veja-se a análise sintética da Demagogia feita por Jaime Nogueira Pinto em Jaime Nogueira Pinto, «Demagogia», em *Polis. Enciclopédia* (Lisboa: Editorial Verbo, 1984), pp. 64 a 67.

demagogia e o demagogo na antiga Grécia, entendem certos autores, como por exemplo, Donald MacRae, que na Europa pode falar-se de um proto-populismo, emergente no século XIV com a revolta camponesa na Inglaterra (english Peasants' Revolt) e com a Jacquerie francesa; e no século XV-XVI, com a revolta camponesa no sudoeste da Alemanha, que ficou conhecida por Bundschuh bem como com a guerra camponesa causada pela reforma¹⁹. A importância desse proto-populismo reside na revelação das principais causas do populismo e do grupo social – o campesinato – que é a base de apoio dos movimentos e forças políticas populistas e que estará sempre presente no seu desenvolvimento e na sua afirmação, a partir do século XIX.

5. Dizíamos que nesse século, embora com distintas manifestações e embasamentos sociológicos, decorrentes das diferenças culturais desses povos, o populismo surge na Rússia de Alexandre II e de Alexandre III e nos Estados Unidos da América, da época dos Presidentes Grover Cleveland (1837-1908) e McKingley (1843-1901).

Na Rússia, o populismo (conhecido por *narodnichestvo*) estava culturalmente apegado ao tradicionalismo, ao seu passado histórico-cultural que, para os russos era tudo. Desconfiavam do capitalismo que entendiam ser factor de dissolução das suas tradições socio-culturais, e que dava origem a novas classes (como aconteceu com ao aparecimento dos kulaks e do proletariado urbano). Com efeito, na Rússia czarista e movimento populista tinha uma base intelectual e a principal base social de apoio era o campesinato. De acordo Peter Worsley o populismo russo é uma verdadeira ideologia campesina, criada não pelos camponeses, mas sim por intelectuais urbanos – “urban intelligentsia –, que se apresentavam como porta-voz dessa ideologia, assumida originariamente, ao que parece pelos *narodnik*²⁰, proselitistas educados, que

¹⁹ Nesse sentido, explica Donald MacRae que “We may in West European history discern a kind of proto-populism in the english Peasants' Revolt and the Jacqueries of the fourteenth century, or in the Bundschuh and the peasant wars of the Reformation. Nevertheless, and although before we have done we shall go back beyond the European middle ages, populism is typically exemplified in modern Russia and America. That is to say it is not primarily a phenomenon of the main stem of European history. It is, however, compounded from elements of thought and modes of apprehending the world which are quite essentially part of the development of classical and Western Europe, and which have been transformed in their new homes”. Andrzej Walicki, «Russia», em *Populism: its meanings and national characteristics* (London: Weidenfeld & Nicolson, 1970), p. 154.

²⁰ É bom informar que a expressão *narodnik* bem como a expressão *narodnichestvo* deu origem a um debate sobre o seu verdadeiro sentido, debate que aqui não vamos reproduzir, mas que é interessante ler em Andrzej Walicki,

lutavam pela liberalização do regime czarista e exaltavam a vida rural e as tradições russas²¹. Era uma reacção (sócio-ideológica) contra o capitalismo na Rússia e até fora desse país²². Como explica Peter Worsley, para “for the Russian populists, on the other hand, capitalism was an innovation which, they feared, would dissolve the traditional solidarity of the village, and, in the end, introduce inequality and class war to the countryside. But the activities of trusts, banks, and corporations, which so preoccupied the North American populists, were not important in the Russian countryside”²³.

Na América, o populismo assume-se como um movimento de massa popular, dos camponeses, criado pela comunidade campesina com origem e acção local e sem pretensões nacional e/ou cosmopolita. Eram agricultores ou aqueles que o não eram mas viviam nas comunidades agrárias, que tinham como porta-vozes os padres locais, editores de jornais também locais. A sua luta não era contra o capitalismo e o desenvolvimento de uma agricultura moderna, mas sim, como já dissemos, contra as modernas instituições capitalistas centradas nas cidades²⁴. De acordo com Roger Eatwell e Matthew Goodwin, um importante precursor do populismo americano foi o esclavagista Andrew Jackson, que foi Presidente dos USA entre 1829 e 1837. Mais tarde surgem dois partidos populistas, o Partido Americano (1850) e o Partido

«Rússia», em *Populism: its meanings and national characteristics* (Weidenfeld & Nicolson, 1969), 62 e ss. De qualquer forma, têm sido essas expressões que vulgarmente são utilizadas para se referir a populismo. Veja-se ainda as considerações feitas por Peter Worsley sobre o sentido dessas expressões. Peter Worsley, «The Concept of Populism», em *Populism: its meanings and national characteristics* (London: Weidenfeld & Nicolson, 1969), 219. Veja-se ainda Peter Wiles, «A Syndrome, not a Doctrine: Some Elementary Theses on Populism», em *Populism: its meanings and national characteristics* (London: Weidenfeld & Nicolson, 1969), 174 e ss. De acordo com Jean-Werner Müller “Os *narodniki* eram intelectuais que idealizavam os camponeses russos e viam as comunas rurais como modelo político para todo o país. Também advogavam ‘ir ao povo buscar’ conselho político e orientação”. A ideologia política do *narodniki* denominava-se *narodnichestvo*. Jean-Werner Müller, *O Que é o Populismo?* (Lisboa: Texto Editores, 2017), p. 33.

²¹ De acordo com Roger Eatwell e Matthew Goodwin os *narodniks* eram “proselitistas educados que procuravam ir ao encontro do povo das zonas rurais” e “defendiam a liberalização do regime czarista autocrático e louvavam a vida rural simples e os valores autênticos”. Eatwell e Goodwin, *Populismo. A Revolta contra a Democracia Liberal*, p. 63.

²² Nesse sentido, explica Andrzej Walicki que “Russian populism was not only a reaction to the development of capitalism inside Russia - it was also a reaction to capitalism outside Russia, and in this sense it fell within the framework of the old problem of ‘Russia and the West’. It was not only an ideology of small producers, but also the first ideological reflection of the specific features of the economic and social development of the ‘latecomers’, of the backward agrarian countries, carrying out the process of modernization in conditions created by coexistence with highly industrialized capitalist states. Moreover, it was also one of the first attempts at a theoretical explanation of the specific features of economic backwardness”. Walicki, «Russia», 1969, p. 91.

²³ Peter Worsley, «The Concept of Populism», em *Populism: its meanings and national characteristics* (London: Weidenfeld & Nicolson, 1969), p. 222.

²⁴ Para maior desenvolvimento, veja-se, entre outros, Worsley, «The Concept of Populism», pp. 212 e ss.

do Povo (1890), seguido de movimentos como o *Share our Wealth*, criado pelo sacerdote Coughlin e pelo senador Huey Long em 1930.

O populismo americano não se reportava ao passado, mas ao futuro no âmbito do capitalismo, que não hostilizava, embora se revelasse hostil à burocracia estatal e ao seu pessoal; lutava pelo desenvolvimento da actividade agrária sem controlo do Estado e desconfiava do sistema financeiro e das modernas corporações, numa palavra, lutava contra as modernas instituições do capitalismo centradas nas cidades.

Em França na década 80 do século XIX nasce o movimento boulangista (1886) promovido pelo General francês George Ernest Jean Marie Boulanger que integrava grupos socialmente heterogéneos, movimento que se caracterizava por um fanatismo nacionalista e que se opunha à Terceira República (1870-1940).

Este brevíssimo excursus sobre o populismo na Europa e nos Estados Unidos da América revelam-nos que, com a afirmação modo de produção capitalista, o populismo afirma-se também como instrumento utilizado pelos partidos ou movimentos com forte intervenção na política e que nesses países tinham como principal (mas não exclusiva, note-se) base social de apoio o campesinato.

Curioso é verificar que em ambos os países o populismo surgiu no mesmo período histórico – fins do século XIX – e teve como principal base social de apoio o campesinato. Por essa razão, diz Jean-Werner Müller, o “facto de ambos os movimentos terem alguma coisa a ver com agricultores e camponeses fez nascer a ideia – prevalecente até aos anos de 1970, pelo menos – de que o populismo tinha uma íntima ligação ao agrarianismo ou que era necessariamente uma revolta de grupos reaccionários, economicamente atrasados, em sociedades em rápida modernização”²⁵

Importa agora, embora de forma necessariamente sintética, analisar as características dominantes do populismo comuns a todos esses movimentos ou partidos apresentados por três grandes estudiosos do populismo, Peter Wiles, Peter Worsley e por Margareth Canovan, antes de partir para a aproximação ao seu conceito.

²⁵ Müller, *O Que é o Populismo?*, p. 34.

De acordo com Peter Wiles, o populismo é qualquer *crença ou movimento* que tem como premissa estruturante a ideia de que a virtude está no simples povo, que é a esmagadora maioria, e nas suas tradições colectivas²⁶, premissa essa de que resultam um conjunto de vinte e quatro características do populismo, que aqui nos limitamos a indicar as mais relevantes e que são:

- a) O populismo é mais moralista do que programático;
- b) O populismo é, em todos os casos, vagamente organizado e indisciplinado: um movimento e não um partido;
- c) O populismo é anti-intelectual;
- d) O populismo é fortemente anti-stablishment, anti-sistema financeiro e anti-elite;
- e) O populismo tem uma forte tendência para um moderado radicalismo (mild radicalism). Este autor ao conceber o populismo como crença ou movimento, deixa-nos sem saber ao certo se estamos perante uma ideologia (crença) ou uma força política (movimento) ou se é a crença (ideologia) de um movimento. Como iremos ver é importante decidir se o populismo é uma ideologia ou um movimento ou se não é nenhuma dessas duas coisas;
- f) O populismo sendo tradicional é nostálgico e religioso.

Por seu lado, Peter Worsley defende que populismo norte-americano caracteriza-se por:

- a) Uma grande hostilidade dos agricultores às instituições;
- b) Hostilidade a interferências no mercado por parte dos trusts e monopólios ou, seja, pelos grandes grupos económicos;
- c) Confiança no Estado para corrigir as interferências consideradas não naturais no mercado e as acções dos grandes grupos económicos;

²⁶ Diz Peter de Wiles que “To me, populism is any creed or movement based on the following major premiss: virtue resides in the simple people, who are the overwhelming majority, and in their collective traditions”. Cfr. Wiles, «A Syndrome, not a Doctrine: Some Elementary Theses on Populism», p. 166.

- d) Acção política como grupo de pressão sobre os partidos ou mesmo como partido;
- e) Acção política mobilizadora dos trabalhadores pobres das cidades por seles considerado “povo comum”²⁷.

Por seu lado, Margareth Canovan defende que do que necessitamos não é de uma definição do populismo, mas sim de uma tipologia do populismo, que elabora, distinguindo dois grandes tipos de populismo, o agrário e o político e, em cada tipo, integra as seguintes categorias:

- a) Populismo agrário:
 - 1. radicalismo camponês (por exemplo, o Partido do Povo dos EUA);
 - 2. movimentos camponeses (por exemplo, o Levante Verde da Europa Oriental)
 - 3. socialismo agrário intelectual (por exemplo, o narodniki do Partido Popular).
- b) Populismo político:
 - 1. ditadura populista (por exemplo, Perón)
 - 2. democracia populista (isto é, apelo à participação e ao referendo)
 - 3. populismo de acção (por exemplo, George Wallace e os seus seguidores)
 - 4. populismo dos políticos (i.e., construção de coligações alargadas e não ideológicas que recorrem ao apelo unificador do “povo”).

Esta autora justifica a sua tipologia dizendo que a “justificação para esta classificação deve residir na argumentação do presente estudo no seu conjunto. Uma vez que os tipos sugeridos são construções analíticas e os exemplos da vida real podem ultrapassar várias categorias”²⁸. Contudo, a

²⁷ Worsley, «The Concept of Populism», pp. 220 e ss.

²⁸ Margaret Canovan, *Populism* (London: Junction Books, 1981), p. 13.

autora não nos oferece um critério coerente para fundamentar esta tipologia, o que leva Ernesto Laclau – um dos críticos dessa tipologia – a perguntar, com razão, “In what sense are agrarian populisms not political? And what is the relationship between the social and political aspects of the ‘political’ populisms which bring about a model of political mobilization that is different from the agrarian one?”²⁹

6. Dessas características resulta que, na sua essência, o populismo é estruturalmente apresentado como uma ideologia ou, até mesmo, como um partido ou movimento *anti* – *anti-stablishment*, *anti-sistema financeiro*, *anti-elite* e *anti-pluralista*, etc. – e que tem como base social de apoio dominante o campesinato e o operariado pobre das cidades, é tradicionalista e tende para uma retórica radicalista. *Anti* que se localiza quer na retórica política do populista, quer na acção das massas provocada por essa retórica e que é uma das chaves para a compreensão e conceptualização do populismo que, temos de esclarecer desde já, *não é nem deve ser entendido como uma ideologia, um partido ou um movimento*.

É com base nesse elemento – *anti* –, comum a toda a estratégia populista que esta é operacionalizada politicamente, que se difunde através da retórica populista, a ideia de que:

- a) A democracia deve ser reformada para que a vontade popular seja levada a sério;
- b) Para tanto, em defesa do povo, devem ser combatidas as elites corruptas e distanciadas do povo simples que constitui a maioria da sociedade civil e política;
- c) Deve combater-se a emigração, não só por razões económicas, mas também raciais, culturais e identitárias³⁰.

Embora não conste desses elementos, em nossa opinião, não se pode deixar de acrescentar um outro elemento comum que é o da necessidade de

²⁹ Ernesto Laclau, *On populist reason* (London; New York: Verso, 2005), p. 6.

³⁰ Em sentido próximo e para mais desenvolvimentos veja-se Eatwell e Goodwin, *Populismo. A Revolta contra a Democracia Liberal*, pp. 63 e ss.

um(a) *líder carismático(a)* – um/uma demagogo(a), que lidere o “partido do povo” no clássico sentido grego do termo – líder imprescindível para dirigir a acção política dos populistas³¹. É esse líder que corporiza a relação directa do povo com a política, por nele/nela cada um se revê a si próprio e sente-se irmanado na acção com o todo ou, como diz Jan-Werner Müller, “ele ou ela proporciona o sentimento de ligação directa com a ‘substância do povo’ e ainda melhor com todos e cada um dos seus membros individuais”³².

Apesar de todo esse esforço para se recortar os elementos estruturantes da ideação desse fenómeno sócio-político, que é o populismo, a generalidade dos autores reconhece ser difícil oferecer um conceito de populismo. Ernesto Laclau que, até mais radicalmente, fala na impossibilidade de definir o populismo³³ entende que a descrição do populismo em termos vagos, imprecisos e, até mesmo, com alguma pobreza intelectual e como um fenómeno que consubstancia um processo manipulador e transitório, impõe que, em vez de se perguntar o que é o populismo, seria melhor substituir essa pergunta por esta outra “to what social and ideological reality does populismo *apply*?”³⁴, que apela para a descrição do fenómeno com maior precisão, mais do que para a sua definição. Nesse sentido, a sua descrição de forma precisa, contribuirá para afastar certas ideias feitas – mitos – e preconceituosas desse fenómeno sócio-político e, ao mesmo tempo, para revelar características suas que o denunciam como acção política transversal a todas as ideologias e a todos os grupos sócio-políticos presentes e actuantes na cena política. Partindo dessa descrição, Ernesto Laclau define populismo como retórica política constitutiva de uma fronteira política que divide a sociedade em dois heterogéneos campos antagónicos e mobiliza-os para o confronto político³⁵, deslocando

³¹ Sobre a necessidade de um líder diz-nos Miguel Prata Roque, na caracterização que faz do que ele denomina por neopopulismo, que “outro traço unificador destes movimentos (populistas, esclarecemos nós) assenta numa lógica providencialista, segundo a qual a/o líder corresponderia a alguém escolhido, por vias mais ou menos míticas (...) que resolveria por si só, todas as ineficiências do regime democrático”, Miguel Prata Roque, «Apresentação da Obra - O Neopopulismo como Instrumento de Regeneração do Regime Democrático», em *O Populismo no Século XXI. Democracia sob Ataque* (Lisboa: AAFDL Editora, 2003), p. 8.

³² Müller, *O Que é o Populismo?*, p. 49.

³³ “We have, in the first place, to ask ourselves whether the impossibility (or near impossibility) of defining populism does not result from describing it in such a way that any conceptual apprehension of the any rationality inherent to its political logic has been excluded a priori” Laclau, *On populist reason*, p. 16.

³⁴ Laclau, *On populist reason*, p. 17.

³⁵ Cfr. Laclau, *On populist reason*, passim.

a ideia de populismo como ideologia ou como partido para a de populismo como retórica política, o que é decisivo para a elaboração do seu conceito. Em nossa opinião, essa descrição é um contributo importante para nos permitir comparar o populismo com a demagogia, para decidirmos se ele corresponde a uma sua versão moderna e radical.

7. Sabemos já que o populismo emerge no século XIX com a afirmação da democracia liberal como modelo dominante de organização política das sociedades, tendo nesse século e nos inícios do século XX as características acima indicadas. Contudo, importa dizer, essa caracterização produziu alguns mitos que perduraram por décadas sobre a verdadeira natureza e sentido do populismo, mitos que devem ser desconstruídos se quisermos perceber o fenómeno e a sua evolução. Antes de mais, vejamos alguns desses mitos – quatro dos mais difundidos – que têm contribuído para simplificar a ideiação popular e política do populismo, sendo que quase todos têm a ver com a base social de apoio do populismo.

a) Um dos mais antigos é o de que o populismo tem uma base social de apoio homogénea formada pelo campesinato (em especial o pobre). Trata-se de um mito construído com base nas origens desse fenómeno, ou seja, nos inícios do século XIX nos Estados Unidos da América e na Rússia que, como já dissemos, o campesinato e a defesa da tradição assumiam um papel relevante na acção das forças populistas. Contudo, mesmo nessa altura, as forças sociais de apoio à acção populista iam para além desse campesinato, e da tradição que, apesar de ter alguma relevância na Rússia czarista, nos USA, era praticamente irrelevante.

b) Outro mito é o de que no século XX e XXI, a base social de apoio do populismo era constituída quase que exclusivamente por desempregados, marginais e outros grupos sociais desfavorecidos e por gente imatura. Acontece que tal não é completamente verdade. Com efeito, muitos desempregados, marginais e pobres não apoiam as forças políticas populistas que também encontram apoio em indivíduo com emprego, empresários, intelectuais, gente da classe média e superior, numa palavra indivíduos com boa posição social e económica e no mundo da cultura. Também se associa à base social de apoio do populismo pessoas idosas, racistas, identitárias – a minha raça, a minha cultura, a minha religião, a minha nação – e tradicionalistas. Não

necessariamente. Muitos jovens, mesmo os de minoria étnica, muitos idosos, muitas pessoas de diferentes religiões e com formação académica média ou superior, empregados e que vivem nas cidades e que não são tradicionalistas apoiam o populismo³⁶.

c) Um outro mito é o de que o populismo é marginal ao sistema, nele não se integrando, mas agindo fora dele ou, na melhor das hipóteses, tem um pé dentro e outro fora do sistema; e ainda que é um fenómeno passageiro. Contudo, entendemos que o populismo não está nem opera fora do sistema, nem tem um pé dentro e outro fora. Pelo contrário, integra-o e opera no seu interior, é a parte dele que “acorda” e reage nos seus momentos de crises e debilidades com o objectivo de o transformar, não de fora para dentro, mas de dentro, através do que se pode denominar de reconstrução institucional.

Estes mitos são desconstruídos pela realidade sociológico-política que revela as bases sociais de apoio das forças políticas populistas europeias e americanas, como pode ver-se nos casos da eleição de Trump, do Brexit, e a crescente ascensão de forças políticas da extrema-direita europeia com a eleição de representantes seus para os parlamentos nacionais e para outros órgãos representativos do povo – em França, na Áustria, em Portugal e em Espanha, na Rússia, por exemplo – ou com o denominado populismo de esquerda que se alimenta da fragmentação dos trabalhadores, na prolaterização da classe média, dos novos modelos de trabalho e que centra a sua luta nas questões sociais e meio-ambiental –, que lhe fornece a sua diversificada base social de apoio e a natureza heterogénea dessa sua base.

Vale isso dizer que não devemos simplificar a análise sociológica e política do populismo, com tem acontecido, com vista a confortarmo-nos com a ideia de que é um fenómeno passageiro que se resolve com o “pleno” emprego, com a elevação do nível educacional e com melhores prestações sociais. Não. O populismo é um complexo fenómeno de massa em que mais do que a situação de classe – origem social de cada um – é a posição de classe – opção política de cada um independentemente da sua origem social – que o explica e que justifica a heterogeneidade da sua base social de apoio, a sua natureza e a sua presencialidade transversal às diversas ideologias.

³⁶ Sobre esses mitos e para maior desenvolvimento, veja-se Eatwell e Goodwin, *Populismo. A Revolta contra a Democracia Liberal*, Capítulo I, pp. 27 e ss. e, ainda, Müller, *O Que é o Populismo?*, pp. 27 e ss.

8. Podemos afirmar que hoje o populismo não só tem uma base social heterogénea, como tem vindo a ser alargada para nela se acolher indivíduos de distintos grupos socio-económico e político-cultural, numa aliança política que tem como elo de ligação a representação social da existência de crise, estrutural e/ou conjuntural – crise de valores, crise da democracia, crise das instituições, crise da representação política, crise do sistema económico e financeiro, crise social (habitação, saúde, educação), crise climática e meio-ambiental, crise do sistema internacional. Crise cuja causa é hoje atribuída ao neo-liberalismo e à globalização, mas crise.

É esta crise que, entre outras, fundamenta a promoção da ideia da necessidade de defesa do povo contra as elites, nomeadamente as corruptas (*lato sensu*); é esta crise que fundamenta e dá credibilidade às promessas de reforma das instituições; é ela que justifica a defesa da participação do povo nas instituições para que a sua voz seja ouvida e respeitada; é essa crise que alimenta o identitarismo e as suas consequências, nomeadamente, a xenofobia, o racismo e a luta contra a imigração; é esta crise que permite invocar as questões sociais e apresentá-las como fundamento da luta de massas; é esta crise que legitima a retórica produtora de uma psicologia de massas orientada para acção política.

*Crise*³⁷, eis a outra chave – que juntamente como o já referido *anti* – nos permite entender e conceptualizar o populismo.

9. Essa crise é ela própria a condição necessária para a formação de uma multidão heterogénea, constituída em “*massa*” psico-sociologicamente pré-disposta a receber a mensagem do “líder” populista com que se identifica. Esta massa constitui o auditório do populista a quem este se dirige com uma retórica orientada para causar os efeitos predominantemente emocionias que as massas sofrem quando são estimuladas por um discurso sobre a crise que as afecta enquanto povo, que desencadeiam a acção “*anti-tudo*” – *anti-stablishment*, *anti-sistema financeiro*, *anti-elite* e *anti-pluralista*, *anti-emigração*, etc. –, exactamente porque essa retórica visa fazer representar a crise com um perigo para a segurança, para os valores, para a tradição ou para qualquer

³⁷ Em sentido próximo Laclau quando diz que “some degree of crisis in the old structure is necessary preconditions of populism (...)”. Laclau, *On populist reason*, p. 107.

outra situação que cada um individualmente e/ou integrado na multidão entende ser importante para a sua vida, para o povo a que pertence e para o seu país-nação.

Importa esclarecer desde já que a multidão, ou *massa* de que estamos a falar é entendida, como nos explica Gustav Le Bon, como um conjunto organizado de indivíduos dotados de uma personalidade colectiva temporária e distinta da de cada um dos seus membros “que os faz sentir, pensar e proceder dum modo absolutamente diverso daquele por que sentiria, pensaria e procederia cada um deles isoladamente”³⁸. Trata-se, portanto, de um “ser provisório, formado de elementos heterogéneos que por momentos se soldaram, exactamente como as células, que, constituem um corpo vivo, formado pela sua reunião um ser novo que apresenta caractéres muito diferentes daqueles que cada uma das células possui”³⁹

Essa multidão, de acordo com Gustav le Bon, “forma um único ser e está sujeita à *lei da unidade mental das multidões*”⁴⁰, denominada por este autor por *multidão psicológica*, que é dotada de excessiva sugestibilidade e de um forte sentimento de poder e de invencibilidade, e ainda de outras características especiais, de entre elas, “a impulsividade, irritabilidade, a incapacidade de racionar, ausência de juízos e de espírito crítico, exagero de sentimentos, (..)”⁴¹. Por outro lado, os sentimentos dessa multidão são orientados numa determinada direcção⁴² e ⁴³. Por as massas terem, como é sabido, horror a tudo quanto pode pôr em causa as condições da sua existência e/ou sobrevivência, ela é também atingida pelo *medo* – dos refugiados, dos migrantes, do estrangeiro, da perda da identidade cultural e religiosa, etc. –, que o populista explora com uma retórica agressiva e, por vezes, violenta contra o seu

³⁸ Gustavo Le Bon, *Psicologia das Multidões* (Lisboa: Tipografia de Francisco Luiz Gonçalves, 1909), p. 14. Existe uma edição recente com o título *Psicologia das Massas*, publicada pela editora Alma dos Livros em 2023.

³⁹ Le Bon, *Psicologia das Multidões* p. 12.

⁴⁰ Le Bon, *Psicologia das Multidões* p. 12.

⁴¹ Le Bon, *Psicologia das Multidões*, p. 21.

⁴² Cfr. Le Bon, *Psicologia das Multidões*, p. 12.

⁴³ Sigmund Freud, *Psicologia de las masas*, 10ª ed. en “Biblioteca fundamental de nuestro tiempo” (Madrid: Alianza Editorial, 1984), 16/17. Esta descrição da multidão e da sua psicologia é em grande parte, partilhada por Freud na sua obra *Psicologia das Massas* onde analisa pormenorizadamente as teses de Le Bon, reconhecendo que a multidão “es impulsiva, versátil, y irritable y se deja guiar casi siempre por lo inconsciente” e os impulsos a que obedece e podem ser de diversa natureza – nobres, ou cruéis, heróicos ou cobardes, “pero son tan imperiosos, que la personalidad e incluso el instinto de conservación desaparecem ante ellos”. Cfr. Freud, *Psicologia de las masas*, p. 64.

adversário, representado como um ente a que “nós, povo” nos devemos opor com firmeza na defesa dos nossos legítimos interesses e valores.

Mas importa dizer que essa massa não é naturalmente constituída, mas é construída pelo discurso político-ideológico do populista. Essa multidão psicológica, para usarmos a designação que lhe é dada por Le Bon, é constituída por “cidadãos que nunca pensaram em si mesmos como tendo grande coisa em comum”, mas que são “sensíveis a um insuspeitado apelo a ser representados”⁴⁴ por um grupo político ou um líder que representa valores em que se reconhecem e em que cada um passa a representar-se a si mesmo como um actor com personalidade colectiva da multidão e que se sente capaz de agir colectiva e concertadamente.

Hoje a multidão assume simultaneamente uma dupla dimensão, a saber: a dimensão *comicial* e a *virtual*. Mas, quer naquela forma de congregação física de indivíduos em comícios, protestos e manifestações, quer nesta virtual, cada indivíduo que nela se integra vê temporariamente a sua personalidade dominada e sobredeterminada por uma personalidade colectiva construída por efeito da sua pertença a uma *massa*, no nosso caso, heterogénea, embora o modo de construção dessa multidão física e virtual seja necessariamente diferente.

Na actualidade, com a globalização neoliberal e o avanço da tecnologia de informação e de comunicação, a construção da multidão com uma personalidade colectiva distinta da de cada um dos seus elementos é feita com recurso a esses novos meios informáticos com mensagens de texto e de imagem e com discursos dirigidos directamente a grupos integrados ou não em redes sociais, sendo estes meios, nomeadamente as redes sociais, um dos mais férteis terrenos de recrutamento para a “causa populista”⁴⁵.

De qualquer forma, a acção política populista utiliza *multidões físicas* e *virtuais*, ora separadamente ora conjuntamente de acordo com a natureza da acção política.

⁴⁴ Müller, *O Que é o Populismo?*, 81.

⁴⁵ Sobre o papel das redes sociais na difusão da mensagem populista, veja-se, entre outros, Addressa Leão Frigo, «A Comunicação Política Neopopulista e os seus Impactos na Democracia», em *O Populismo no Século XXI. Democracia sob Ataque?* (Lisboa: AAFDL Editora, 2023), 243 e ss. e Izabela Siqueira Pariz deio Melo, «A Influência das Redes Sociais na Disputa Eleitoral e Durante o Governo de Líderes Populistas», em *O Populismo no Século XXI. Democracia sob Ataque?* (Lisboa: AAFDL Editora, 2023), pp. 275 e ss.

10. A propósito da multidão virtual, parece-nos importante esclarecer, mesmo que muito sinteticamente, a relevância dos novos meios de informação e de comunicação que proliferam no ciberespaço e que contribuem para o recrutamento, mobilização e acção política das forças políticas com recurso à retórica populista e para a construção dessa multidão. E esta relevância advém ainda do facto de o uso desses instrumentos informáticos – plataformas digitais e redes sociais nelas sediadas – permitir a criação da multidão virtual pela via da rápida difusão de informação, baseada em factos ou situações, muitas vezes propositadamente falsos. Os efeitos imediatos dessa acção comunicacional é de criar essa *multidão virtual* constituída pela articulação dos agentes, com distintas origens de classe, distinta formação académica e diversa localização territorial, que operam em grupo ou individualmente nas redes sociais. Essa multidão constitui o *auditório virtual* da retórica populista e, sob os efeitos da psicologia de massas, revela-se disponível para desencadear acções políticas a vários níveis, desde logo ao nível eleitoral e ao do combate político das forças políticas populistas contra o bloco hegemónico, dominantes em cada momento.

Por regra, o desencadeamento dessas acções ocorre no decurso das crises conjunturais da formação hegemónica, momento esse a que Chantal Mouffe denomina “*momento populista*”⁴⁶. Nesse momento, as forças populistas so-correm-se da retórica populista para mobilização e acção política com vista a aprofundar essa crise da hegemonia e a fragilizar o bloco hegemónico, para o impedir de reunir as condições para satisfazer as exigências das “massas”. Agora, as forças políticas, que utilizam o populismo como instrumento de combate político, agem no quadro do capitalismo de informação e de vigilância, para usarmos uma expressão de Soshana Zuboff, em que cada um de nós transporta no seu bolso ou na sua carteira o seu vigilante permanente e o seu *influencer*, o telemóvel ou smartphone; as *apps* e os *cliques*, instrumentos de uso fácil e de efeito imediato, são utilizados para difundir a mensagem

⁴⁶ Chantal Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda* (Lisboa: Gradiva, 2019), p. 23. Esta autora explica que momento populista ocorre “Quando, sob a pressão das transformações políticas ou económicas, a hegemonia dominante é desestabilizada pela multiplicação de exigências e da insatisfação. Em situações deste tipo, as instituições deixam de contar com o apoio popular na tentativa de defender a ordem existente. O resultado é o bloco histórico que assegura a base social de uma formação hegemónica ser desarticulado e surgir a possibilidade de construir um novo sujeito de acção colectiva – o povo – capaz de reconfigurar uma ordem social sentida como injusta”.

política populista e para ampliar o auditório dessa mensagem, acelerando a sua recepção, propagação e efeitos psicológicos.

O capitalismo digital passou a ser o *habitat* natural do populismo moderno⁴⁷. O *Big Data* que cada um oferece ao “sistema” constitui o produto com que se constrói o perfil psicológico individual e colectivo – ou, como diria Byung-Chul Han, o psicoprograma individual e colectivo⁴⁸ – que permite às forças políticas agirem com sucesso através de empresas – pense-se na Cambridge Analytica – que analisam e tornam operatório os dados que cada um, como fornecedor gratuito e voluntário de matéria-prima comportamental, oferece às plataformas digitais como a Google a Facebook, o Whasapp, o Instagram. Estas plataformas, a pedido das forças políticas e/ou das empresas, utilizam os dados que lhes são fornecidos por cada um de nós para construir, algorítmicamente, o perfil do eleitor, do político e do consumidor e para decidir o tipo de propaganda eleitoral ou comercial que deve ser enviado personalizadas a cada indivíduo ou grupo. Isto permite às forças políticas e comerciais manipular livremente a nossa vontade de escolha, nomeadamente para fins políticos (máxime eleitoral), visto que a esfera pública da acção comunicacional é agora virtual, unidirecional e organizada por perfis sócio-políticos e psico-comportamentais.

Para além disso, o discurso político é mediado pelas plataformas e seus algoritmos, o que lhe retira a sua dimensão dialógica, impede a convocação para o diálogo interactivo – força política - auditório sócio-político – auditório-força política – e confere ao “diálogo” uma dimensão unidirecional e sincrónica – força política-auditório sócio político – que corrompe a participação consciente e informada e, com ela, a democracia. A cidadania é transformada em *consumodania*. Com razão Byung-Chul Han diz que “no *microtargeting*, os eleitores não estão informados sobre o programam político de um partido, mas são manipulados com propaganda eleitoral adequada ao seu psicoprograma, com frequência *fake news*” e que “estes *dark ads* otimizados do ponto de vista psicométrico representam um perigo para a

⁴⁷ Sobre o capitalismo de vigilância e para maior desenvolvimento, veja-se, Shoshana Zuboff, *A Era Do Capitalismo de Vigilância* (Lisboa: Relógio d'Água, 2020).

⁴⁸ “A partir do *Big Data* é possível construir não só o psicoprograma individual, mas também o colectivo, ou até mesmo, talvez, o psicoprograma do inconsciente.” Byung-Chul Han, *Psicopolítica neoliberalismo e novas técnicas de poder* (Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2015), p. 31.

democracia”⁴⁹. A infocracia corrompe a democracia e o sistema democrático, contribuindo decisivamente para a promoção do populismo.

É nesse ciberespaço digitalizado que se forma a multidão virtual constituída por um enxame de redes sociais articulados e conectado pela infocracia em que o representante do “povo” virtual não tem um vínculo político directo e forte com os representados, como acontecia com as multidões físicas antes da era ciberespacial infocrática, de que nos fala Gustav Le Bon. Agora, a adulação na demagogia grega é transformada em manipulação psíquico-comportamental, que alimenta o populismo.

Importa dizer que na demagogia da Grécia de Platão, de Aristóteles e de Péricles a retórica do demagogo era, regra geral, construída com base em factos ou situações efectivamente ocorridos ou existentes, e cada demagogo organizava a sua retórica sem necessidade de recorrer a factos falsos ou situações inexistentes. O demagogo trabalhava sobre o que existia, exagerando-o ou denegrindo-o, com vista a adular e a persuadir o povo a agir em conformidade com os seus concretos objectivos políticos. Era um adulator sem vergonha, como diria Aristóteles, mas tinha sempre à sua frente uma multidão física que com ele discutia – o diálogo era bidirecional –, pelo que a sua retórica demagógica tinha de ser bem organizada se a queria eficaz, pois como explica Aristóteles a retórica é a “capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” e “parece ter assim a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada”⁵⁰. Os demagogos tinham conduta perversa na opinião de Aristóteles⁵¹, mas, como diz este filósofo, é o aperfeiçoamento da retórica que permite que “os que estão aptos a usar a palavra influenciem a vontade popular”⁵², persuadindo o povo para a acção.

Já o populista tanto pode agir como um demagogo grego, por adulação e persuasão, mas agora com recurso aos meios digitais e às redes sociais, como pode agir, e age, como um manipulador que, consciente e

⁴⁹ *Infocracia digitalização e a crise da democracia* (Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2022), p. 27. Esclarece-se que para este autor *microtargeting* é o recurso a perfil psicométricos para fazer publicidade personalizada nas redes sociais.

⁵⁰ Aristotle, *Retórica*, 5a. edição (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2018), liv. I, Cap. 2. §1355b, p.75. A título de exemplo, podemos indicar os discursos de Péricles no funeral em honra dos mortos na guerra do Peloponeso – a que Tucídides chama de “apropriado panegírico” –, de Cléon e outros relatados por este historiador dessa guerra.

⁵¹ Aristóteles, *Política*, liv. V, 4. 1304, b, 20, p. 369.

⁵² Aristóteles, *Política*, liv. V, Cap. 5. §1305 a, 10, p. 371.

deliberadamente, inventa factos ou cria situações que nunca existiram para com base naqueles ou nestas organizar uma retórica manipuladora do seu auditório, para o convencer da veracidade do que é falso e que ele sabe ser falso. Ambos têm em comum o uso da retórica, o recurso a adulação e o aproveitamento da fragilidade política do grupo dominante no “*momento populista*” e ao aproveitamento da psicologia de massas. A manipulação e a persuasão marca a diferença entre o populista que age como demagogo e o populista que age como manipulador.

11. Mas, as forças políticas populistas usam simultaneamente esses dois modelos de multidão – o físico e o virtual – para a sua acção política, como auditório da sua retórica política. Acontece, contudo, que cada vez mais, a formação da multidão física e a sua presença e acção em manifestações, protestos e outras acções de massa começa no mundo virtual pela via da difusão da informação nas plataformas digitais por indivíduos ou grupos que se revêm no conteúdo da mensagem contida na informação difundida e que assume a tarefa de criar redes de mobilização para acção, convocando através dessas redes cibernéticas manifestações, acções de protesto ou de luta, indicando os adversários e objectivos a prosseguir, fazendo agora em formato digital nessas redes o conhecido *agítpro*, mas agora dotado do perfil psicológico do destinatário e capacitado para orientar o seu comportamento, o que dantes era feito pelos partidos em contacto físico com os seus militantes e simpatizantes de carne e osso, embora socorrendo dos meios de comunicação, em especial da televisão, onde havia um rosto e uma voz. Agora, os partidos e movimentos mostram o rosto dos seus dirigentes sempre associados à e antecipados pela agitação propagandística virtual. O discurso populista da força política feito à multidão física é por esta antecipadamente conhecido nos seus traços fundamentais através das redes sociais, logo no mundo virtual, o que significa que a multidão física presente no protesto ou na luta nela comparece já manipulada virtualmente e predisposta a agir. Em bom rigor, a multidão física é a corporização da multidão virtual.

12. Posto isto, a questão que agora reclama uma resposta é a de saber o que é o populismo, e como defini-lo. Para tanto, entendemos que devemos começar por recortar os elementos estruturantes do seu conceito, dizendo

que hoje parece ser dominante a ideia de que são estruturantes do conceito de populismo:

1. **estratégia de luta política** adotada por diversas forças políticas nas suas lutas. Não sendo uma ideologia, mas uma estratégia de luta, o populismo veste a roupagem que cada ideologia lhe confere em cada momento concreto de luta, sendo, portanto, ideologicamente configurada por cada força política. Trata-se, portanto, de uma estratégia que não é comum a todas as forças políticas, mas é sempre sobredeterminada pela ideologia do agente ou da força política que a organiza e utiliza e pelos objectivos que pretende prosseguir, pelo que a ideologia que ela comporta e transporta e os objectivos que com tal estratégia se visa prosseguir também não é comum a todas as forças políticas, mas é a de cada agente e/ou força política. **O populismo é, portanto, uma estratégia de luta política;**
2. **Retórica**⁵³, operacionalizadora dessa estratégia para difundir perante um auditório a mensagem ideológica desse agente e/ou força política e apelar, pela manipulação ou pela persuasão, à luta para prossecução dos objectivos estratégicos da força política ou do agente, sempre orientada para um confronto político *anti algo*;
3. **multidão** ou “**massa popular**” que é o destinatário dessa retórica, o seu auditório. Agora, para além do que já foi dito sobre esse auditório, sempre conjunturalmente constituído, importa esclarecer que a sua amplitude depende da conjuntura política e da *agitprop* das e nas redes sociais. Em determinados “*momentos populistas*” o auditório pode estar circunscrito a grupos representativos de movimentos ou causas sociais – ambientalistas, movimentos contra o racismo, defesa dos animais, xenofobia, sexismo, LGBT, etc. – como pode ser “universal”

⁵³ Sobre a retórica no âmbito do populismo veja-se, por todos, Miguel Prata Roque, «O Discurso Autoritário no Populismo Contemporâneo: Persuasão, Retórica, Manipulação, Demagogia e Providencialismo», em *O Populismo no Século XXI. Democracia sob Ataque* (Lisboa: AAFDL Editora, 2003), pp. 198 e ss.

noutras conjunturas como por exemplo em momentos eleitorais, em protestos e manifestações;

4. **conjuntura** que é o momento histórico-político em que o populismo deve ser operacionalizado. O populismo é sempre uma estratégia de conjuntura, pelo que “*momento populista*” é sempre conjunturalmente determinado, é um momento conjuntural;
5. Já falamos da **crise**, pelo que não se torna necessário repetir aqui o que já foi dito. Remetemos para o que acima dissemos.

Temos assim na dimensão positiva desse fenómeno, os elementos estruturantes do conceito de populismo: **estratégia, retórica, crise, multidão ou massa e conjuntura**. Resulta desses elementos estruturais que qualquer agente e/ou força política pode utilizar essa estratégia na luta política, sendo certo que a retórica argumentativa varia necessariamente com a ideologia da força política que a utiliza. Mas, o populismo é para todas as forças político-ideológicas que a utilizam **uma estratégia** que visa dividir a sociedade em dois campos antagónicos ou, quanto menos, agonísticos – aqui no sentido que Chantal Mouffe atribui a esse conceito por ela introduzido na ciência política⁵⁴

Posto isto podemos ver agora aquilo que o **populismo não é**, o que nos permite recortar melhor o seu conceito ou, quanto menos, oferecer uma mais clara ideação desse fenómeno, dizendo que o **populismo não é**:

- a) Uma **corrente ideológica** ou uma **ideologia** com autonomia face às ideologias políticas dominantes numa dada sociedade.
- b) uma **estratégia comum** a todas as forças políticas. Na verdade, cada força política constrói a sua estratégia de acordo com as questões que pretende agitar e com os objectivos que pretende prosseguir e organiza a sua retórica em função

⁵⁴ De acordo com Chantal Mouffe o modelo agonístico da democracia proporciona o quadro analítico necessário para conceber a possibilidade de um confronto democrático entre projectos hegemónicos. Para esta autora “O confronto agonístico é diferente do antagonístico, não por estar aberto a um possível consenso, mas porque o opositor não é considerado um inimigo a destruir, mas um adversário cuja existência é percebida como legítima. As suas ideias serão combatidas com vigor, mas o seu direito de se defender não é posto em causa”. Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, p. 93.

desses objectivos e no quadro da concreta conjuntura em que entende desenvolver a sua luta.

- c) um **recurso estratégico exclusivo da direita e da extrema-direita**. Hoje está aberta a discussão sobre o recurso à retórica populista por outras forças políticas ideologicamente do centro ou da esquerda.
- d) uma **retórica comum** a todas as forças político-ideológicas exactamente porque a retórica populista diferencia-se pela ideologia de cada força política, pelos argumentos que cada uma utiliza, pelas questões ou exigências sociais e pelos valores por que cada força político-ideológica luta e pelos objectivos específicos que cada uma visa prosseguir no quadro de um sistema político.

Recortada a dimensão negativa do populismo, importa finalmente dizer que é comum a todas correntes ideológicas a percepção do seu “*momento populista*”, que é aquele em que a hegemonia do grupo ideológico dominante fragiliza-se e destabiliza-se por pressão das transformações sócio-económicas, e políticas, o que a impossibilita ou a dificulta de satisfazer as exigências (demandas) das “massas”, no quadro de um dado sistema político. Estas perderem confiança nesse bloco, passando a representá-lo como com bloco em crise cuja legitimidade está a esbororar-se, o que permite às forças políticas aproveitarem essa crise para agirem com recurso a uma retórica populista.

Mas, o “*momento populista*” não ocorre ao mesmo tempo ou não é o mesmo para todas as forças político-ideológicas. De facto, para umas forças político-ideológicas uma dada conjuntura pode ser a do seu “*momento populista*”, para outras esse “*momento*” ocorre noutra conjuntura politicamente bem diferente. Isso porque a representação ou a efectiva ocorrência da crise da hegemonia do bloco dominante e a estratégia do seu aproveitamento pelas forças político-ideológicas através da retórica (populista) orientada para a acção política depende dos interesses e dos objectivos políticos – de curto, médio ou longo prazo – de cada força política.

Pensamos não ser despendendo dizer que sabemos já, até mesmo empiricamente pela experiência e vivenciação da prática política na e da actualidade, que o populismo tem sido sempre associado à direita radical e que todas as

demais forças político-ideológicas a esconjuram. Na verdade, a representação popular do uso do populismo como estratégia de luta política é a de que ele é antes de mais uma ideologia, a da direita-radical, portadora de uma retórica-*anti* que herpobiliza um conjunto de questões sociais, políticas e económicas e culturais excludentes do “outro” – como por exemplo, o racismo, a xenofobia e homofobia, etc. –, para exaltar o nacionalismo e os valores tradicionais, e, por vezes até, para apelar à violência contra as instituições. Por outro lado, o populismo tem sido representado como uma ideologia que radicaliza o seu discurso *anti*-elite e *anti*-políticos no poder, apontando-os como verdadeiros adversários ou, até mesmo, como inimigos do povo cujas exigências, sempre justas e realizáveis, não são atendidas, cuja participação e a inscrição no poder é por essa elite e por esses políticos bloqueada. Acresce ainda que as forças políticas populistas são consideradas como agentes que usam uma retórica radicalizadora das tensões sociais. Numa palavra, o populismo é assim representado como uma ideologia da extrema-direita que tem como objectivo destruir ou, quando menos, corromper as instituições e destabilizar a ordem estabelecida.

Com base nesta ideação do populismo, o *stablishment* dominante e a própria comunicação social tem entendido, assumido e difundido a ideia de que o populismo é um fenómeno ideológico transitório, causado por actores imaturos portadores de uma retórica que explora a emoção das massas, mas que tende a desaparecer com a satisfação pelo poder político dominante de algumas das demandas populares (que, curiosamente, são, por vezes, muitas daquelas que esses populistas assinalaram como não satisfeitas)⁵⁵. Contudo, é opinião cada vez mais acolhida, que partilhamos, que o populismo veio para ficar, ou seja, é um produto do capitalismo que, com a globalização neoliberal, se intensificou por ampliação do seu auditório e que tem a info-cracia e a telecracia como agentes municidores das redes sociais através das quais se difunde.

⁵⁵ Quase que poderíamos pensar que essa posição do *stablishment* é a resposta à pergunta que Ernesto Laclau faz e que é a seguinte: “is populism really transitional moment derived from immaturity of social actors and bound to be superseded at a later stage or is it, rather, a constant dimensional of political action which necessarily arises (in different degrees) in all political discourses, subverting and complicating the operations of the so-called more mature ideologies?”, a que ele responde negativamente. Laclau, *On populist reason*, p. 18.

Chegados aqui, pensamos estar em condições de recortar o conceito de populismo, utilizando os elementos estruturais acima indicados e respeitando aquilo que ele não é ou, seja, *não é uma ideologia*, repita-se. Numa primeira e simplista definição poderíamos dizer que *populismo é uma forma específica e transversal de fazer política*.⁵⁶ Mas, por ser demasiado simplista, esta definição não nos recorta com exactidão o seu conceito. Prata Roque, depois de ter apresentado e analisado criticamente várias características estruturantes do conceito de populismo proposto por diversos autores – populismo como ideologia, populismo como regime político, populismo como método discursivo populismo como estratégia de acção política – apresenta-nos o seu conceito que assenta em dois pilares que são a *estratégia* e a *retórica*.⁵⁷ Contudo, o conceito é demasiado descritivo para que se possa aceitá-lo como um verdadeiro conceito. Contudo, em traços gerais, a definição apresentada por Prata Roque vai no caminho certo da conceptualização do populismo, exactamente porque como iremos ver no conceito que vamos apresentar, aqueles dois pilares são essenciais para a elaboração do conceito, mas não são suficientes para o efeito, por entendermos que devem ter de ser acompanhados dos demais que iremos indicar.

Embora consciente da dificuldade de elaboração do conceito de populismo, atrevemo-nos, com recurso aos seus elementos estruturantes acima indicados, a defender que o populismo pode ser definido como:

Uma **estratégia política operacionalizada em cada concreta conjuntura política por uma retórica**, sobredeterminada pela ideologia do agente ou da força política que a organiza, executada no decurso de **crise política do bloco**

⁵⁶ Em sentido próximo Ernesto Laclau quando diz que “populismo is, quite simply, a way of constructing the political”. Laclau, *On populist reason*, Preface, p. XI. Miguel Prata Roque tem o mesmo entendimento sobre a satisfação das demandas populares reclamadas pelos populistas, quando diz que “Numa perspectiva mais positiva, o neopopulismo até tem contribuído para uma efectiva regeneração do regime democrático. O confronto adversarial que ele transporta (para a vida pública, para os parlamentos para as ruas) obriga o regime democrático a ser mais transparente e mais cioso da lisura dos seus procedimentos. Que devem deixar de ser apenas ritualizados para passarem a garantir uma efetiva participação dos cidadãos que são os destinatários das decisões políticas”. Roque, «Apresentação da Obra – O Neopopulismo como Instrumento de Regeneração do Regime Democrático», p. 10.

⁵⁷ Para Miguel Prata Roque “O populismo contemporâneo corresponde a uma(renovada) estratégia de ação política assente num método discursivo simplificador e manipulador, que assume uma lógica confrontacional e antagonizadora, através da qual pretende criar-se a ideia que existe uma oposição inexorável entre uma (pretensa) elite política, económica, intelectual e cultural, tida como abusadora, degenerada e corrupta, e uma maioria da população, vista e idealizada como impoluta, incorrupta, reta e bem intencionada. Roque, «O Discurso Autoritário no Populismo Contemporâneo: Persuasão. Retórica, Manipulação, Demagogia e Providencialismo», p. 198.

hegemónico no poder e orientada para provocar acção política de massas contra (anti) esse bloco hegemónico, seus valores e suas políticas.

Nessa definição estão presentes todos os elementos estruturantes da ideação do populismo, mas nela intencionalmente não integramos nem o conteúdo da retórica, nem os objectivos da luta por, como dissemos, variarem de força político-ideológica para força político-ideológica e por serem por estas assumidos e prosseguidos de forma necessariamente diferentes⁵⁸. Com essa definição distanciamos da representação do populismo como uma ideologia e do sentido pejorativo que lhe é atribuído e difundido pelos média e pelas redes sociais⁵⁹. Numa palavra o populismo é uma estratégia orientada para acção comunicacional assente no par *povo (ou massa)/anti algo*.

13. Importa agora perceber se o populismo é uma estratégia só de direita e da extrema-direita ou se também a esquerda e a extrema-esquerda dela se socorrem na e para a sua luta política? Eis a questão que deve ser esclarecida no sentido de se decidir se o populismo é só de direita ou se também a esquerda pode ser (é) populista, como defende Chantal Mouffe. Trata-se de uma questão interessante e relevante, na medida em que, por regra o populismo tem sido considerado sempre como uma prática política da direita, máxime, da extrema-direita, recusando-se a ideia de que a esquerda, seja ela social-democrata ou marxista, pode ser populista, a que Chantal Mouffe, responde dizendo que “é urgente a esquerda compreender a natureza da conjuntura actual e o desafio que representa o movimento populista”⁶⁰ e que a esquerda deve ser populista. Vejamos resumidamente a tese dessa politóloga.

Para esta autora a esquerda deve ser populista se quer lutar por uma democracia radical e plural, e por entender que o populismo é um instrumento

⁵⁸ Em sentido próximo, Chantal Mouffe diz que o populismo “é uma maneira de fazer política que pode assumir múltiplas formas”. Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, p. 22. Por seu lado, Ernesto Laclau Laclau ao longo do seu livro *On Populism Reason* vai oferecendo uma descrição – mas já não uma definição de populismo – que Chantal Mouffe entende, contudo como uma definição que ela descreve como “uma estratégia discursiva para construir uma fronteira política que divide a sociedade em dois campos e apela à mobilização dos ‘miseráveis’ contra os ‘que estão no poder’”. Não acolhemos essa “definição” por entendermos que ela mais não faz do que descrever os efeitos e objectivos do discurso populista e não o que este é estruturalmente.

⁵⁹ Sobre a definição do populismo veja-se, entre outros, Roque, «O Discurso Autoritário no Populismo Contemporâneo: Persuasão, Retórica, Manipulação, Demagogia e Providencialismo», pp. 191 e ss., e Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser, *Populismo: Uma Brevíssima Introdução* (Lisboa: Gradiva, 2017), pp. 13 e ss.

⁶⁰ Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, p. 15.

político que deve por ela ser utilizado no quadro dessa luta. A esquerda deve, portanto, olhar para esse fenómeno, levá-lo a sério, consciencializar de que o populismo de direita não é um fenómeno temporário e adoptar formas de lutas que lhe permitam combater a ideologia de direita e da direita radical, no terreno da estratégia e da tática populista por estas utilizado. Chantal Mouffe parte do conceito de política, como luta entre adversários presentes na cena política orientada para a conquista do poder político, pelo que todas as forças e movimentos políticos participam nessa luta não sendo possível a exclusão dela de nenhuma força ou ideologia política. Na verdade, nas sociedades complexas em que vivemos não é mais possível à esquerda manter-se enclausurado no reduto da luta de classes, que apesar de não ter perdido a sua importância e operacionalidade, não pode monopolizar a luta política. A esquerda deve abrir-se à nova realidade constituída por movimentos cívicos e sócio-políticos que se formam em torno de grupos sociais heterogéneos e, por vezes, inorgânicos, com programas transversais sobre problemas e interesses comuns. Pense-se, por exemplo na luta pela defesa do meio-ambiente, contra a homofobia, contra o sexismo, contra a xenofobia, contra o racismo, pela defesa da saúde e da habitação, etc., que consubstanciam exigências sócio-económicas e político-culturais que mobilizam transversalmente vários grupos ideológico-culturais e socio-económicos também heterogeneamente constituídos, mas que se unem em cada conjuntura política em torno desses objectivos comuns.

Essa transversalidade desafia a esquerda a repensar o modo como tem organizado a sua luta e a procurar um novo modelo luta que deve adoptar, em cada conjuntura política e no *momento populista* que entender ser o seu, se quer assumir o desafio que a transversal heterogeneidade das exigências, enquanto manifestação da pluralidade de demandas democraticamente assumidas e reclamadas, lhe coloca e lhe exige a mobilização de bases de apoio necessariamente heterogénea político-socialmente.

A questão que agora se coloca é a de esclarecer como deve a esquerda, no quadro desta sociedade complexa em que tem lutar politicamente contra a hegemonia neoliberal, suportada pelos valores do mercado, socorrer-se do populismo na sua luta pela democracia radical e necessariamente plural. Chantal Mouffe responde dizendo que “o desafio enfrentado por uma estratégia populista de esquerda está em reafirmar a importância da questão

social, tendo em conta a fragmentação cada vez maior e a diversidade dos ‘trabalhadores’, mas também a especificidade das diferentes exigências democráticas”, posição essa que, juntamente com Ernesto Laclau tinha já assumido no livro *Hegemony and Socialist Strategy*, onde defenderam que o desafio da esquerda é o de reconhecer a existência e as exigências dos ‘novos movimentos sociais’ e a necessidade de os articular com as exigências mais tradicionais dos trabalhadores⁶¹.

De acordo com esta estimulante e discutível tese, a esquerda deve ser populista se quer vencer a batalha para a construção de uma democracia radical. Para tanto, deve o populismo de esquerda ter (e assumir) como *causa populi* as **questões sociais** e a **necessidade de transformação**⁶² não só das instituições, mas do próprio sistema económico-político, com vista a marcar a diferença dessa sua causa com a *causa populi* no populismo direita que são o nacionalismo, os valores tradicionais e a manutenção do *status quo* sócio-político.

Entendemos que, sendo o populismo uma estratégia operacionalizada pela retórica e não uma ideologia, qualquer força político-ideológica pode dele socorrer-se para organizar e realizar a sua luta política. Reconhecemos que Chantal Mouffe (e também Ernesto Laclau) levanta questões importantes sobre a necessidade de a esquerda abraçar novos modos de fazer política, que devem ser assumidas como desafio lançado a toda a esquerda política e constituídas em temas de discussão pelas forças políticas e pelos cidadãos que se reclamam de esquerda. Sabemos que esta tese de Chantal Mouffe foi motivada, como ela própria confessa, pela:

- a) “incapacidade da política de esquerda, tanto nas versões marxistas como social-democrata, de ter em conta uma série

⁶¹ Essa posição decorre da tese defendida por estes dois autores seguindo a qual “Left-wing thought today stands at a crossroads. The ‘evident truths’ of the past – the classical forms of analysis and political calculation, the nature of the forces in conflict, the very meaning of the Left’s struggles and objectives – have been seriously challenged by an avalanche of historical mutations which have riven the ground on which those truths were constituted” e, ainda, “A whole series of positive new phenomena underlie those mutations which have made so urgent the. Task of theoretical reconsideration: the rise of the new feminism, the protest movements of ethnic, national and sexual minorities, the anti-institutional ecology struggles waged by marginalized layers of the population, the anti-nuclear movement, the atypical forms of social struggle in countries on the capitalist periphery - all these imply an extension of social conflictuality to a wide range of areas, which creates the potential, but no more than the potential, for an advance towards more free, democratic and egalitarian societies”. Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*, 2. ed (London: Verso, 2001), p. 1.

⁶² Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, p. 66.

- de movimentos nascidos das revoltas de 1968 e que correspondem à resistência a formas variadas de domínio que não podem ser formuladas em termos de classe”⁶³;
- b) necessidade de construir “uma ‘cadeia de equivalências’ que articule as exigências da classe trabalhadora com os novos movimentos, com a finalidade de construir um ‘querer comum’ que produza aquilo a que Gramsci chamou uma ‘hegemonia expansiva’”;
 - c) necessidade de “reformular o projecto de esquerda em termos de ‘democracia radical e plural’, e de o inscrever “no campo mais amplo da revolução democrática, com a indicação de que há uma multiplicidade de lutas pela emancipação assentes na pluralidade dos agentes sociais e das suas lutas”;
 - d) “necessidade de uma política de esquerda que articulasse os combates a diferentes formas de subordinação sem atribuir uma centralidade a priori a nenhuma delas”;
 - e) Pela constatação de que o “projecto de emancipação não podia continuar a ser concebido como equivalente à eliminação do Estado”⁶⁴.

Tudo isto, na opinião de Chantal Mouffe – que se revelou preocupada com o êxito crescente dos partidos populistas de direita –, justifica a necessidade de um populismo de esquerda por entender ainda que “ao longo dos próximos anos o eixo central do conflito político vai ser entre populismo de direita e populismo de esquerda”⁶⁵.

Toda esta interessante e desafiante posição teórica, diz-nos Goodwin e Eatwell, foi criticada por alguns autores, como, por exemplo, Michael Hardt e Antonio Negri. Contudo, tal crítica não deve afastar o debate que o pensamento de Chantal Mouffe reclama. Não sendo este o lugar adequado para este debate, sempre se dirá que, tendo em conta a observação empírica da retórica política da esquerda que incide normalmente sobre as questões sociais e que,

⁶³ Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, p. 15.

⁶⁴ Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, pp. 15 a 17.

⁶⁵ Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, pp. 19 e 20.

dominantemente, não é orientada nem pelas *fakes news*, nem construção de falsas situações, nem ainda pela exclusão do outro, mas sim pela sua inclusão, a aceitar-se a tese da necessidade de um populismo de esquerda, ela terá de ser necessariamente marcada por essa *differentia specifica*, que corresponde à diferença entre demagogia e populismo, ideologias de direita e as de esquerda e dos respectivos objectivos políticos, e que deverá ser sempre assinalada.

Vale isso dizer que temos de fazer essa demarcação entre demagogia e populismo sob pena de toda a demagogia ser entendida como populismo e de se esvaziar de conteúdo esses dois fenómenos, com vista a assinalar as características específicas de cada um desses fenómenos, as suas *differentiae specificae*, que assinalam as distintas formas de estratégia e de retórica política que cada um encerra. Fica lançado o desafio.

14. Termino dizendo que o populismo aparenta ser uma versão moderna e radical da demagogia da época clássica, mas, é bom dizer, que dela difere desse logo por ser potenciada pela infocracia e telecracia mobilizadora de redes sociais que criam uma multidão virtual, ampliam, assim, o auditório do populista e lhe permitem fazer circular e utilizar no seu discurso informação de factos falsos e a difusão de falsas situações ou somente fazer uma retórica baseada em factos e situações realmente ocorridos, no denominado “*momento populista*”. Tal como como fazia o demagogo grego, o populista também exacerba ou denigre factos ou situações reais e mistura-os com factos ou situações inexistentes (*fakes news*), para causar reacção mais emotiva que racional no seu auditório constituído pela multidão psicológica de que nos fala Le Bon. A diferença entre a demagogia e o demagogo da época clássica grega e o populista da sociedade capitalista neoliberal é a de que este age num mundo globalizado, numa sociedade e no quadro de uma democracia também complexa, crescentemente fragmentada em vários e distintos grupos de interesses, que se articulam num enxame ciberespacial para constituir uma multidão virtual, com base em informação difundida em rede e nas redes sociais a partir de inúmeras e incontroladas fontes e na manipulação.

Pese embora as “boas almas” nos tentem convencer que o populismo é um fenómeno transitório que tende a desaparecer com o tempo, como já dissemos acima, não podemos ignorar que, apesar desse falso diagnóstico,

o populismo, como produto político do capitalismo, que é, veio para ficar e eppur si muove! como um fantasma que ensombra a democracia.

Para essas “boas almas” que confundem os seus desejos com a realidade, temos de as lembrar, retomando e adaptando a célebre frase de Marx que abre o Manifesto Comunista: ***um fantasma ensombra a democracia: o espectro do populismo.***

Bibliografia

- Aristóteles. *Constituição dos Atenienses*. Traduzido por Delfim Ferreira Leão. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2011.
- . *Política*. Lisboa: Vega, 2019.
- Aristotle. *Retórica*. 5a. edição. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2018.
- Canovan, Margaret. *Populism*. London: Junction Books, 1981.
- Eatwell, Roger, e Matthew Goodwin. *Populismo. A Revolta contra a Democracia Liberal*. Lisboa: Desassossego, 2019.
- Freud, Sigmund. *Psicología de las masas*. 10ª ed. en "Biblioteca fundamental de nuestro tiempo". Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- Friço, Andressa Leão. «A Comunicação Política Neopopulista e os seus Impactos na Democracia». Em *O Populismo no Século XXI. Democracia sob Ataque?*, 243 a. Lisboa: AAFDL Editora, 2023.
- Han, Byung-Chul. *Infocracia digitalização e a crise da democracia*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2022.
- . *Psicopolítica neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2015.
- Laclau, Ernesto. *On populist reason*. London ; New York: Verso, 2005.
- Laclau, Ernesto, e Chantal Mouffe. *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. 2. ed. London: Verso, 2001.
- Le Bon, Gustavo. *Psicologia das Multidões*. Lisboa: Tipografia de Francisco Luiz Gonçalves, 1909.
- Melo, Izabela Siqueira Pariz deio. «A Influência das Redes Sociais na Disputa Eleitoral e Durante o Governo de Líderes Populistas». Em *O Populismo no Século XXI. Democracia sob Ataque?*, 275 a 344. Lisboa: AAFDL Editora, 2023.
- Mouffe, Chantal. *Por um Populismo de Esquerda*. Lisboa: Gradiva, 2019.
- Mudde, Cas, e Cristóbal Rovira Kaltwasser. *Populismo: Uma Brevíssima Introdução*. Lisboa: Gradiva, 2017.
- Müller, Jean-Werner. *O Que é o Populismo?* Lisboa: Texto Editores, 2017.
- Nogueira Pinto, Jaime. «Demagogia». Em *Polis. Enciclopédia*, 2. D-F:64 a 67. Lisboa: Editorial Verbo, 1984.
- Platão. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.
- . *Górgias*. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2006.
- Roque, Miguel Prata. «Apresentação da Obra – O Neopopulismo como Instrumento de Regeneração do Regime Democrático». Em *O Populismo no Século XXI. Democracia sob Ataque?*, 7 a 11. Lisboa: AAFDL Editora, 2003.
- . «O Discurso Autoritário no Populismo Contemporâneo: Persuasão, Retórica, Manipulação, Demagogia e Providencialismo». Em *O Populismo no Século XXI. Democracia sob Ataque?*, 191 a 242. Lisboa: AAFDL Editora, 2003.

POPULISMO: O QUE É E COMO OPERA

- Shoshana Zuboff. *A Era Do Capitalismo de Vigilância*. Lisboa: Relógio d'Água, 2020.
- Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Lisboa: Edições Silabo, 2008.
- Walicki, Andrzej. «Russia». Em *Populism: its meanings and national characteristics pulism*, 62 a 92. Weidenfeld & Nicolson, 1969.
- . «Russia». Em *Populism: its meanings and national characteristics pulism*, 16. London: Weidenfeld & Nicolson, 1970.
- Wiles, Peter. «A Syndrome, not a Doctrine: Some Elementary Theses on Populism». Em *Populism: its meanings and national characteristics pulism*, 14. London: Weidenfeld & Nicolson, 1969.
- Worsley, Peter. «The Concept of Populism». Em *Populism: its meanings and national characteristics pulism*, 39. London: Weidenfeld & Nicolson, 1969.